

ABUSO SEXUAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA: REPERCUSSÕES NA APRENDIZAGEM.

Luana Argenta Pereira¹, Carolina Rodrigues de França², Giseli Nunes de Lima³

RESUMO

O abuso sexual de crianças até pouco tempo era um assunto segregado na sociedade. Porém, atualmente esse tabu vem sendo quebrado, pois o tema vem expandindo-se cada vez mais, principalmente pelos meios de comunicação (televisão, rádio, revistas e jornais). Contudo os índices de violência continuam sendo alarmantes, não apenas pelas práticas, mas pelas consequências biopsicossociais. A criança abusada passou a sofrer danos a curto e longo prazo. E com uma simples intervenção precoce e afetiva pode-se modificar todo o desenvolvimento, evitando aborrecimentos na fase adulta. Este tema propõe abordar algumas das principais questões que envolvem o abuso sexual de crianças. Buscando despertar nas pessoas o interesse e a conversa aberta sobre o assunto e determinar um fim ao silêncio que ampara àqueles que cometem esse crime, estimulando, assim, não só as vítimas do abuso sexual, mas também as pessoas do convívio social desta criança, que percebem sinais e assim sentem-se seguras, a fim de buscar ajuda sem ser consideradas culpadas, criando um clima favorável de conversa sobre o assunto, objetivando a prevenção.

PALAVRAS CHAVE: abuso sexual, infância, aprendizagem, prevenção.

ABSTRACT

The child sexual abuse until recently was a matter segregated society. However, currently this taboo has been broken, because the theme is expanding more and more, especially by the media (television, radio, magazines, and newspapers). However the rates of violence remain alarming, not just the practices, but the bio psychosocial consequences. The abused child has suffered damage in the short and long term. And with a simple affective and early intervention can modify the entire development, avoiding hassles in adulthood. This issue proposes to address some of the key issues surrounding the sexual abuse of children. Seeking to awaken people's interest and open conversation on the subject and determine an end to the silence that sustains those who commit this crime, thus stimulating not only the victims of sexual abuse, but also people from social this child, who perceive signals and thus feel safe in order to get help without being found guilty, creating a favorable climate for discussion on the subject, aiming to prevent.

KEY WORDS: sexual abuse, childhood learning, prevention.

¹ Fonoaudióloga, Pedagoga, Especialista em Educação Especial, professora orientadora no Curso de Pedagogia da Faculdade Educacional de Colombo – FAEC / INESUL luanaargenta@hotmail.com

² Aluna do curso de Pedagogia da Faculdade Educacional de Colombo – FAEC / INESUL

³ Aluna do curso de Pedagogia da Faculdade Educacional de Colombo – FAEC / INESUL

1. INTRODUÇÃO

O abuso sexual é um assunto delicado, pois causa constrangimentos entre a família e os profissionais envolvidos. Sendo que os agressores geralmente são de pessoas de confiança para as crianças, pois na sua maioria são familiares ou amigos íntimos, tornando-se assim, mais fácil de persuadi-la.

É importante que os profissionais da educação, por estarem em contato com a criança diariamente, podem facilitar a descoberta e a revelação dessa prática para propor soluções viáveis, além de ser necessário proteger a criança e prevenir novas agressões. Se houver omissões, ocorrerão sequelas físicas e emocionais.

Como professor faz-se necessário realizar a prevenção, orientando os pais e responsáveis sobre o respeito para com as crianças, além de fornecer uma atenção especial aquelas em situações de risco.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Desde os primeiros minutos de vida o contato com o mundo exterior que a criança faz, acontece por meio dos pais, onde aprende habilidades motoras, linguísticas e afetivas. A família é responsável pelas habilidades sociais das crianças – suas expressões, mudanças de comportamentos, etc. E é dever da família, do Estado e toda sociedade protegê-las, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente – LEI Nº 8.069, DE 13/07/1990, que no Art. 4º afirma que

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Parágrafo único. A garantia de prioridade compreende:

- a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias;*
- b) precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública;*
- c) preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas;*
- d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude.*

Porém nos casos de abuso sexual, tem-se a violação dos direitos sexuais, onde há o envolvimento de meninos e meninas em atividades sexuais impróprias, sendo elas, o abuso e a exploração sexual. Quando há o abuso, o adulto submete o menor de idade a situações de estimulação ou satisfação sexual, imposto por força física, ameaça ou sedução. E muitas vezes

o agressor é um membro da família ou um conhecido. Na exploração sexual, há a mercantilização, onde o sexo é fruto de troca, seja ela financeira, através de favores ou presentes; o agressor pode ser um aliciador, que intermedia a relação da criança com o cliente.

Para FURNISS (1993), o abuso sexual da criança pelo pai ou por figuras paternas origina-se do fato de um poder maior e mais nas maiores capacidades físicas, sociais, psicológicas e legais que eles utilizam irresponsavelmente. As características principais da família que comete o abuso são:

1. *O afeto é veiculado de forma erotizada.*
2. *A comunicação não é aberta, instalando-se um complô de silêncio cômodo ao agressor, no qual a criança vítima se cala enquanto os demais membros se negam a enxergar a realidade.*
3. *O ideário e as práticas familiares incluem como regras de ouro, o seguinte:*
 - *respeito, sem discussão, à autoridade paterna;*
 - *obediência necessária dos filhos;*
 - *discriminação entre papéis de gênero, mantendo a mulher-criança como objeto sexual do poder masculino.*
4. *Há falta de limites claros em termos internos ou intergeracionais;*
5. *Assumem um funcionamento e estrutura característicos:*
 - *grande confusão ao nível de fronteiras intergeracionais e das identidades de seus membros;*
 - *fronteira organizacional muito pouco permeável ao exterior;*
 - *relações familiares rígidas, estruturadas do princípio da homeostase;*
 - *família resistente a mudanças;*
 - *organização fundada num segredo que persiste de geração em geração;*
 - *aparente coesão – família desunida-reunida pelo abuso;*
 - *ditadura familiar – poder concentrado na figura paterna ou no seu representante: discricionário em relação aos mais fracos dependentes; imprevisível (regras são impostas e transcritas de acordo com a vontade do ditador); “terror da revelação” e terror do abandono.*

São muitos os fatores que favorecem a violência sexual como, as questões sociais, culturais, étnicas, econômicas, religiosas, psicológicas e psiquiátricas, a erotização, o consumo de drogas, disfunções familiares e baixa escolaridade também fazem parte desta realidade, sendo em todos os meios e classes sociais.

Tanto o abuso quanto a exploração são considerados crimes graves, onde as crianças que são abusadas sexualmente sofrem dificuldades físicas, emocionais e educacionais (F. B. ASSUMPCÃO e E. CURÁTOLO, 2004), que deixam lesões, o contágio de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce. Prejudica o desenvolvimento psicossocial, gerando problemas como estresse, depressão e baixa autoestima.

Apresentam déficits comportamentais que podem ser comportamentais internalizantes, como retraimento, depressão, ansiedade; e comportamentos externalizantes destacando a impulsividade, agressão (VALLE, 2009). Essas alterações no comportamento infantil acarretam sequelas psicológicas, físicas e morais interferindo na vida escolar da criança, repercutindo em sua aprendizagem.

Segundo os quatro estágios básicos do desenvolvimento cognitivo, de Jean Piaget, classificados em: estágio sensório-motor, que vai até os dois anos, onde a criança adquire reflexos neurológicos básicos, construindo esquemas de ação para assimilar mentalmente o meio; estágio pré-operacional, que vai dos 2 aos 7 anos, onde a criança interioriza esquemas de ação construídos no estágio anterior; estágio das operações concretas, que vai dos 7 aos 11 ou 12 anos, onde é capaz de relacionar diferentes aspectos e abstrair dados da realidade; e , estágio das operações formais, que vai dos 12 anos em diante, a representação agora permite a abstração total. Sendo assim a afetividade influencia positiva ou negativamente nos processos de aprendizagem, podendo acelerar ou atrasar o desenvolvimento intelectual.

À medida que as crianças crescem percebem que sua confiança e seu amor foram traídos, é quando se dão conta que houve uma relação envolvendo ela e o adulto. Consequentemente pode ser difícil para ela confiar em alguém, isso pode gerar problemas futuros em seus relacionamentos na vida adulta.

Os profissionais envolvidos com a criança ou adolescentes como qualquer outra pessoa, devem estar atentos para identificar os casos de abuso sexual em que suspeita de violência física, ou até mesmo casos que não há marcas, certamente o envolvimento de membros da família no abuso sexual dificulta a identificação do mesmo. E há muitos fatores que contribuem para que o abuso sexual não seja revelado, criando assim os “tabus” sociais como na população em geral. Muitos têm dificuldades em comunicar possíveis casos de abuso sexual às autoridades por descreer nas possíveis soluções e pela dificuldade que encontram em comprovar o ato não tendo auxílio às investigações. E com isso as consequências de não notificar o abuso sexual podem ser fatais.

A Constituição Federal, o Código Penal e o Estatuto da Criança e do Adolescente. (Lei 8069, de 13/07/ 1990) dispõem sobre a proteção da criança e do adolescente contra qualquer forma de maus tratos, e determinam penalidades, não para os que praticam o ato, mas também para os que se omitem, seguem alguns artigos que falam desse assunto:

Art. 227 É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Parágrafo 4º - § 4º - A lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente.

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Art. 13. Os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais.

Art. 98. As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados:

I - por ação ou omissão da sociedade ou do Estado;

II - por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável;

III - em razão de sua conduta.

Art. 130. Verificada a hipótese de maus-tratos, opressão ou abuso sexual impostos pelos pais ou responsável, a autoridade judiciária poderá determinar, como medida cautelar, o afastamento do agressor da moradia comum.

Art. 245. Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

Art. 262. Enquanto não instalados os Conselhos Tutelares, as atribuições a eles conferidas serão exercidas pela autoridade judiciária.

Através da notificação aos órgãos competentes ou àqueles que protegem as crianças e os adolescentes, os familiares, vizinhos e conhecidos, por sua vez podem romper o silêncio que cerca o abuso sexual. Profissionais da saúde, psicólogos, advogados, professores, pais e a sociedade em geral devem se unir e buscar a promoção de um trabalho mais amplo e profundo, que é um trabalho preventivo através da orientação sexual precoce. A escola e a família devem estar interligadas e devem ser responsáveis por este papel. Mas para evitar mentiras ou dados alarmantes referentes ao assunto é necessário que haja por parte dos profissionais envolvidos uma análise criteriosa e cuidadosa do caso.

A prevenção é a melhor forma de evitar o abuso sexual, e a sensibilização da população em geral pode ser um auxílio contra a violência, através de denúncias dos atos abusivos cometidos com crianças. O trabalho preventivo através de palestras com o intuito de despertar e mobilizar a comunidade e os outros profissionais deve ser considerado. Durante o período escolar na prevenção pode ser trabalhada desde cedo, buscando fornecer informações sobre sexualidade despertando na criança um espaço de reflexão e questionamento sobre crenças, posturas, valores e respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais. Porém um trabalho informativo escolar, com profissionais habilitados junto com as crianças, pais e adolescentes sobre prevenção e tratamento pode-se evitar futuras violência e agressões contra a criança. E as informações direcionadas à equipe tem como objetivo que profissionais diretamente ligados com a criança não se calem diante da evidência de violência e não se sintam ameaçados e atemorizados pelas reações dos pais quando o assunto for tratado abertamente.

Tornando uma relação estável fornecendo-lhes segurança caso haja o início de um processo contra o abuso sexual para que o mesmo seja levado adiante sem interrupção de ambas as partes.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho foi elaborado por meio de pesquisas bibliográficas, documentais e pesquisa quantitativa, que realizou-se a partir de entrevista com uma profissional da área de psicologia, Camilla Correia, a qual desenvolve trabalho e realiza palestras e seminários sobre: Como identificar e Prevenir o Abuso Sexual em Crianças no Cotidiano e pela Internet, Espaço de aprendizagem e construção do vínculo, Autoestima e Aprendizagem dentre outras, tendo já divulgado seu trabalho em escolas, igrejas e televisão. Também atua como Psicoterapeuta de crianças, jovens e adultos e com consultoria em empresas na área de Gestão de Pessoas e Coaching. É Pós Graduada em Gestão Escolar e especializada no tema Abuso Sexual.

As questões direcionadas a esta profissional encontram-se no próximo item, bem como as respostas. Houve também uma entrevista com gestora de escola municipal da cidade de Curitiba, com perguntas direcionadas também sobre o assunto.

Para tanto, de acordo com as ideias de (FUKS, 2006)

O abuso sexual infantil se configura como um fenômeno complexo que exige uma estratégia de abordagem multidisciplinar no curso da qual são diversas as questões que se tornarão prementes. A transmissão de informação, por exemplo, imprescindível para a construção e desenvolvimento de um campo de pesquisa integrado, exige a superação de múltiplas dificuldades. Contudo, essa superação não depende apenas do uso de diferentes linguagens ou modelos e procedimentos. Há obstáculos relativos à própria natureza do tema em questão. A descoberta de um caso de abuso provoca reações fortemente emocionais na família da criança, mas também nos profissionais intervenientes. Incide sobre um conjunto de valorações, ideias e sentimentos a respeito da família, a sexualidade e a criança que nos são caras.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao realizar a entrevista com a psicóloga, percebe-se através de suas respostas, sendo destacadas ideias de sua autoria e contribuição de diferentes autores, que há necessidade imediata de expor o assunto em questão e determinar suas consequências para prevenir atitudes e comportamentos inadequados no ambiente escolar.

Sendo assim, as respostas abaixo complementam a teoria estudada anteriormente, de acordo como o que se segue:

1. Em quais grupos sociais há mais casos de abuso sexual?

É verdade que a violência sexual ocorre em todas as classes sociais, mas é também verdade que a sociedade brasileira trata desigualmente autores da agressão e vítimas de acordo com a classe social, etnia (raça/cor).

2. Quais os aspectos psicoemocionais afetados na criança abusada sexualmente?

As vítimas de abuso sexual podem apresentar alterações comportamentais, cognitivas e emocionais. Entre as alterações comportamentais destacam-se: conduta hipersexualizada, abuso de substâncias, fugas do lar, furtos, isolamento social, agressividade, mudanças nos padrões de sono e alimentação, comportamentos autodestrutivos, tais como se machucar e tentativas de suicídio. As alterações cognitivas incluem: baixa concentração e atenção, dissociação, refúgio na fantasia, baixo rendimento escolar e crenças distorcidas, tais como percepção de que é culpada pelo abuso, diferença em relação aos pares, desconfiança e percepção de inferioridade e inadequação. As alterações emocionais referem-se aos sentimentos de medo, vergonha, culpa, ansiedade, tristeza, raiva e irritabilidade.

3. Em qual idade aparecem mais casos de abuso sexual?

O gênero e faixa etária afeta com mais intensidade meninas entre 7 a 14 anos, negras e pardas das camadas populares, do que outras crianças e adolescentes.

4. Quais são algumas formas de prevenção?

A comunicação sobre a sexualidade deve iniciar muito cedo. Nas escolas e em casa. Toda a comunidade deve conhecer o tema e saber como manejar as diversas situações. Família e escola precisam ter atitudes preventivas no sentido de evitar ou extirpar a ocorrência de abusos. Para muitos é estranho ter que falar sobre sexualidade com as crianças, mas é importante saber que não temos que estimular a sexualidade, mas sim ensinar a criança a gostar de seu corpo e aprender a respeitá-lo, cuidando de sua saúde, higiene e evitando acidentes, como por exemplo, não se machucar com objetos cortantes.

Para isso é necessário que a criança tenha um vínculo de confiança com essa pessoa que orienta e saiba que poderá procurá-la para perguntar ou contar algo sem tomar 'bronca' ou ser criticada.

Explicar à criança que o corpo dela precisa ser cuidado por ela e que ela deve ser cuidadosa e desconfiar se alguém tentar tocá-lo, inclusive as partes íntimas; ou ainda pedir para fazer coisas no seu corpo ou no de outra pessoa, que não seja brincar junto com todo mundo.

É preciso orientar a criança que se afaste dessa pessoa e procure a mãe, irmã mais velha, uma avó ou a professora e conte o que aconteceu. Orientar as crianças para não terem vergonha e se preciso até gritar ou correr em situações em que sintam-se ameaçadas.

Os adultos precisam ser respeitados, mas isso não significa que as crianças tenham que obedecer e fazer tudo que eles mandam. Principalmente se isso envolver tocar, manipular, beijar ou machucar o corpo e se a criança não se sentir bem.

O velho ensinamento de não aceitarem convite por dinheiro, presente ou agrado, de quem conhecem ou não, para fazerem 'coisas' com o corpo é fundamental.

É difícil em muitas situações evitar o abuso sexual, devido à proximidade do abusador. Não receie pedir que outros adultos ajudem a olhar as crianças.

Procure conhecer os amigos de seus filhos e suas famílias e também estimule as crianças a não ficarem isoladas, procurando ficar em grupo.

5. Quais são os sinais apresentados pela criança que é abusada sexualmente?

- Alterações bruscas no comportamento, no apetite ou no sono;
- Desejo repentino da criança em se manter isolada, evitando contato com amiguinhos e familiares;
- A criança se mostrar agitada, muito incomodada e perturbada quando há possibilidade de ficar no mesmo local com uma determinada pessoa;
- Medo desproporcional frente à necessidade de um exame físico;
- Começar a achar que têm o corpo sujo ou contaminado;
- Interesse excessivo ou evitação no contato com seus genitais;
- Rebeldia, agressividade excessiva;
- Podem chegar a um comportamento suicida ou de automutilação.

O abuso sexual também pode ocasionar sintomas físicos tais como hematomas e traumas nas regiões oral, genital e retal, coceira, inflamação e infecção nas áreas genital e retal, doenças

sexualmente transmissíveis, gravidez, doenças psicossomáticas e desconforto em relação ao corpo.

6. Você acredita que a mídia encobre ou favorece a divulgação de casos de abuso sexual?

Não acredito que a mídia encobre, mas também não favorece pela falta de contato que as pessoas em geral no Brasil têm com o assunto. É algo que não gera lucro e sim despesas, e a maior parte das pessoas que estão envolvidas com este tema são mais humanas do que “políticas”.

7. Como a escola e a família podem intervir no tratamento da criança abusada sexualmente?

Não fazendo alarme sobre a situação e encaminhar para profissionais da área de saúde com urgência.

É necessário que a criança saia do contato com o abusador o mais breve possível.

8. Qual é a procura para o tratamento psicológico de crianças que sofreram abuso sexual?

Os danos que uma criança pode sofrer após ter sido abusada são inúmeros, desde uma simples perda de concentração na escola até o risco de suicídio o psicólogo deverá conduzir o caso clínico de forma a preservar a criança em seus traumas.

A família também é tratada na maior parte dos casos e não só a criança, pois as consequências de desordem familiar podem ter causado o abuso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da literatura revisada e análises dos dados obtidos junto a entrevista realizada com uma profissional especializada em abuso sexual infantil, chegou-se a resultados em que apontam que uma criança abusada sexualmente, se não tratada pode haver sim repercussões na aprendizagem como também em seu processo cognitivo, comportamental e emocional. O abuso sexual infantil ocorre em vários contextos sociais e infelizmente a sociedade brasileira ainda trata desigualmente as vítimas e autores da agressão de acordo com a classe social. E este tema vem se destacando nos meios de comunicação. E através disso os profissionais da

educação junto à escola se deparam com um papel muito importante em trabalhar com a prevenção precoce dentro do contexto escolar, com intuito de despertar e quebrar o silêncio que permeia as famílias. Assim, faz-se necessário a prevenção e o conhecimento adequado para que a criança tenha um bom desempenho no seu processo cognitivo, já que seus aspectos psicoemocionais são abalados, tornando a escola e a família principais responsáveis pelas habilidades sociais da criança.

Portando este estudo leva a pensar sobre a importância de um projeto de intervenção direcionado aos profissionais da área da educação que trabalham diariamente com os educandos. Visando ampliar a discussão e reflexão deste tema para que ele não se mantenha mais negligenciado e que todos que tem contato direto ou indireto com a criança abusada estejam cientes da importância de estarem atentos aos indicadores de violência à criança e quais os procedimentos a serem tomados.

6. REFERÊNCIAS

ASSUMPCÃO. F. B. e CURÁTOLO. E. Psiquiatria Infantil – Guia Prático. 1ª Edição. Barueri – SP: Editora Manole, 2004. Páginas 164/165/167.

BRAUN. S. A violência sexual infantil na família: do silêncio à revelação do segredo. 1ª Edição. Porto Alegre - RS: Editora Age, 2002. Páginas 43/44/45.

FUCKS. L. B. Consequências do Abuso Sexual Infantil. Percurso n. 36. 1º semestre de 2006. Disponível em <<http://www2.uol.com.br/percurso/main/pes36/36Fuks.htm>> Acesso em: 11 de setembro de 2013.

JEAN PIAGET: O biólogo que pôs a aprendizagem no microscópio. Revista Nova Escola. São Paulo – SP. Edição Especial nº19. Páginas 89/90/91.

LOPEZ. V. B. e MARMITT. V. O abuso sexual infantil e as repercussões na aprendizagem. Disponível em <http://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/section/100/Vanessa_.pdf> Acesso em: 24 de maio 2012.

MELLO. M. F. et al. Maus-tratos na infância e psicopatologia no adulto: caminhos para a disfunção do eixo hipotálamo-pituitária-adrenal. Disponível em <scielo.br> Acesso em: 28 de julho 2012.

SALLA. F. Toda a atenção para a Neurociência. Revista Nova Escola. São Paulo – SP. Ano XXVII, nº253, Junho / Julho 2012. Páginas 48/49/50/51/52/53/54/55

VALLE. T. G. M. do. Aprendizagem e Desenvolvimento Humano: Avaliações e Intervenções. 1ª Edição. São Paulo - SP: Editora UNESP, 2009. Páginas 49/50/51/177/178/179/180/181.